BOLETIM AGROMETEOROLÓGICO IDR-PARANÁ

Nº 69 – Setembro 2026

METEOROLOGIA

A Figura 1 apresenta a precipitação registrada no Paraná durante setembro de 2026. O mês foi caracterizado por volumes elevados de chuva, com distribuição espacial irregular e acumulados que variaram de 130 e 490 mm. Os maiores volumes foram registrados principalmente na porção centro-leste do estado, com destaque para Antonina, no Litoral, onde registrou 491,6 mm. Nos Campos Gerais os volumes também foram expressivos, com acumulados entre 350 e 370 mm. Em contrapartida, os menores volumes foram observados no oeste paranaense com valores abaixo de 200 mm.

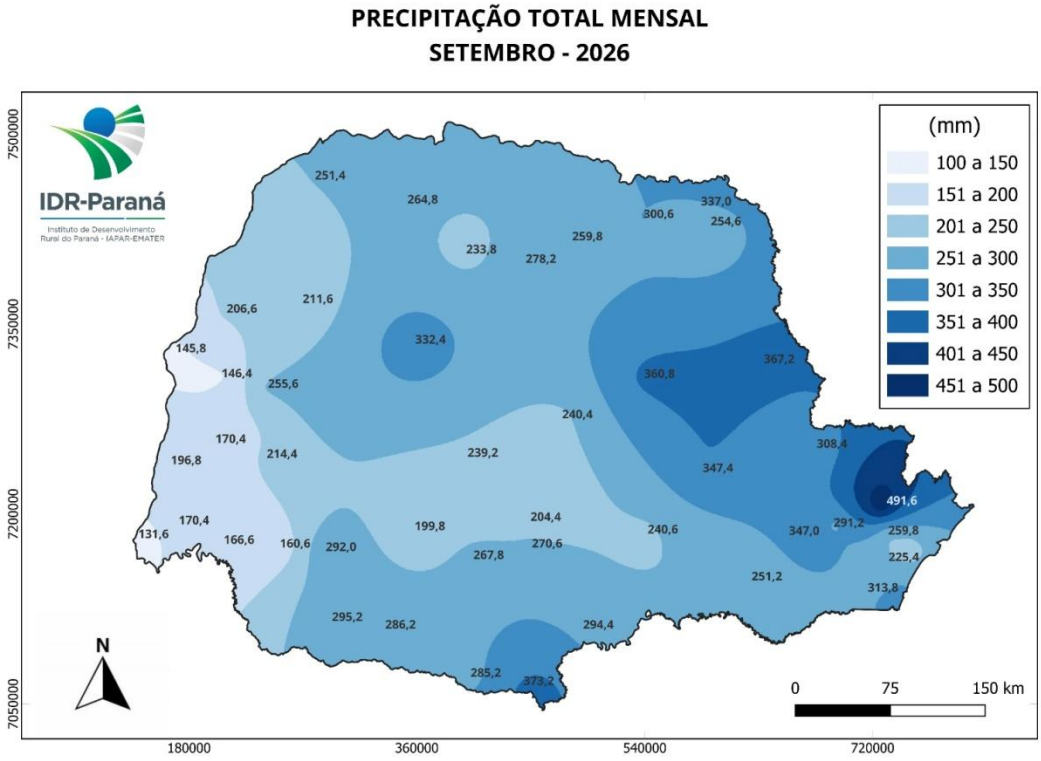


Figura 1. Precipitação registrada em Setembro de 2026 no Paraná. Fonte: IDR-Paraná e Simepar.

A análise da precipitação em relação à média histórica indica que setembro de 2026 apresentou volumes superiores à climatologia em todas as regiões do Paraná, embora com acentuada heterogeneidade espacial (Figura 2). Os maiores acumulados concentraram-se na porção leste do estado. Em Antonina, no Litoral, foram registrados 491,6 mm, frente à média histórica de 157,2 mm. No norte do estado, os volumes de precipitação situaram-se, em geral, entre +151 mm e +250 mm acima do esperado. No oeste e noroeste, incluindo as regiões de Foz do Iguaçu, Cascavel, Umuarama e Paranavaí, os excedentes de precipitação apresentaram maior variabilidade, oscilando entre +15,4 mm em Palotina e +148,8 mm em Paranavaí.

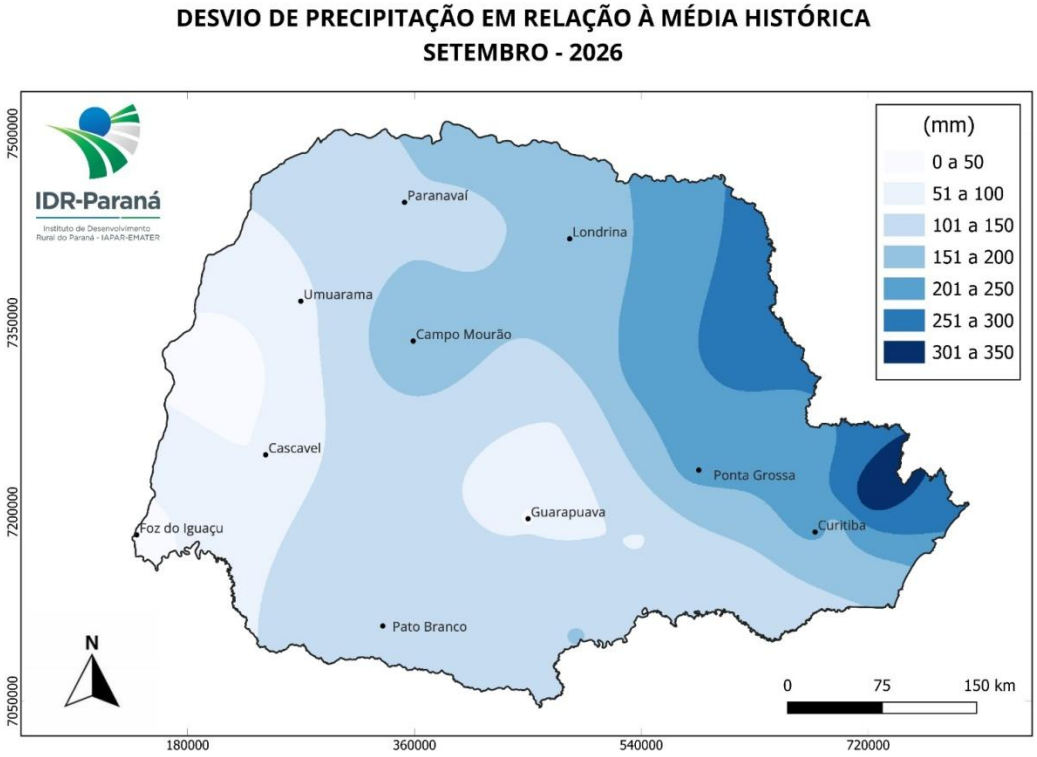


Figura 2. Anomalia da precipitação de Setembro de 2026 no Paraná. Fonte: IDR-Paraná e Simepar.

Em setembro de 2026, a temperatura máxima do ar apresentou anomalias predominantemente negativas em relação à média histórica em praticamente todo o Paraná, indicando a ocorrência de condições menos quentes que o padrão climatológico para o período, devido à chuva abundante (Figura 3). Houve grande variabilidade espacial, sendo que os maiores desvios negativos concentraram-se no norte e noroeste do estado, com destaque para Maringá, Campo Mourão e Cambará, onde as anomalias atingiram valores de -2,9 °C, -2,6 °C e -2,6 °C, respectivamente.

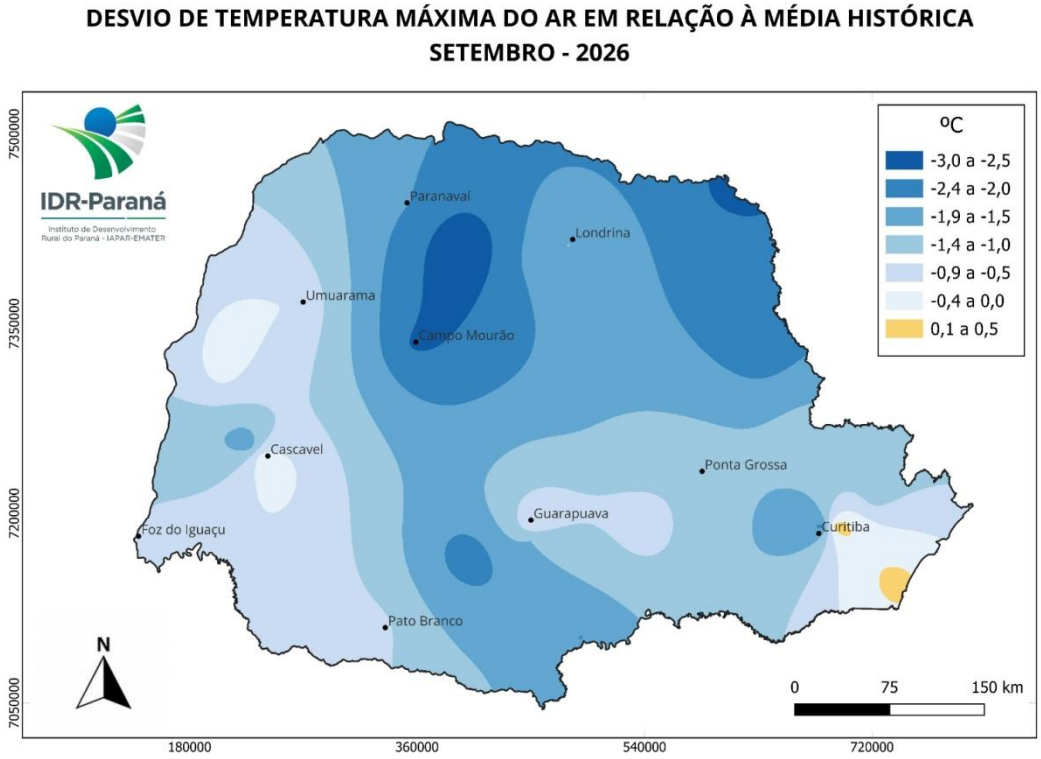


Figura 3. Anomalia da temperatura máxima do ar de Setembro de 2026 no Paraná. Fonte: IDR-Paraná e Simepar.

Em contraste com as temperaturas máximas, as temperaturas mínimas apresentaram anomalias predominantemente positivas em relação à média histórica, indicando noites e madrugadas mais quentes que o padrão climatológico (Figura 4). Os desvios também apresentaram variabilidade espacial, com os maiores valores registrados em Palotina no oeste do estado, onde a anomalia atingiu +1,8 °C, e em Telêmaco Borba com +1,7 °C.

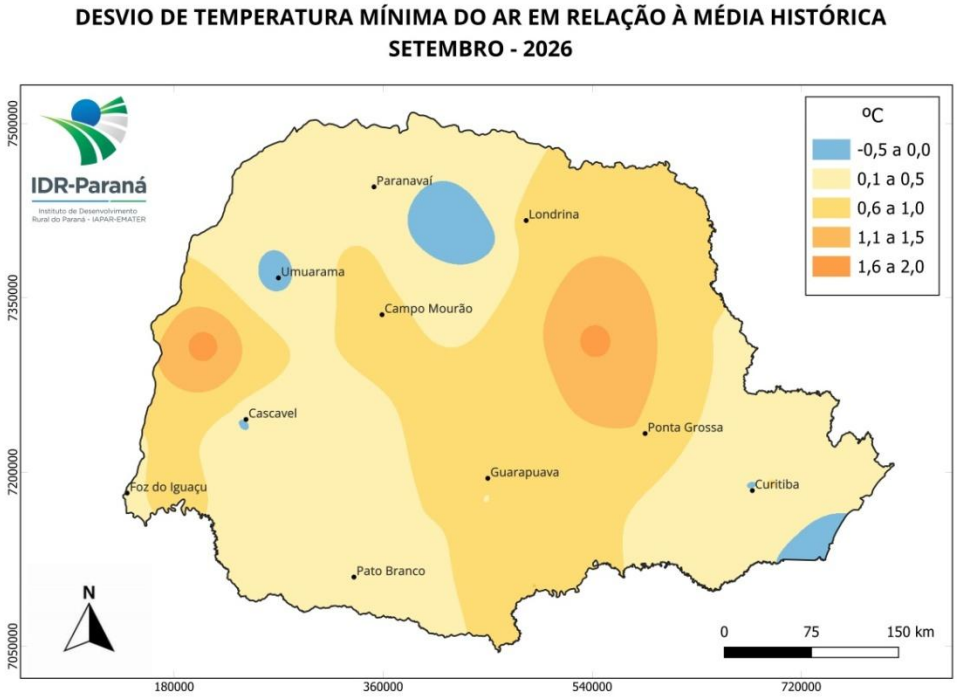


Figura 4. Anomalia da temperatura mínima do ar de Setembro de 2026 no Paraná. Fonte: IDR-Paraná e Simepar.

A temperatura média do ar apresentou comportamento espacial heterogêneo, com predomínio de anomalias negativas em relação à média histórica no Paraná (Figura 5). O desvio negativo mais expressivo foi registrado em Maringá, na região noroeste do estado, com valor de -1,7 °C. Esse resultado reflete, em termos gerais, a influência das temperaturas máximas inferiores à climatologia, que compensaram parcialmente as anomalias positivas observadas nas temperaturas mínimas.

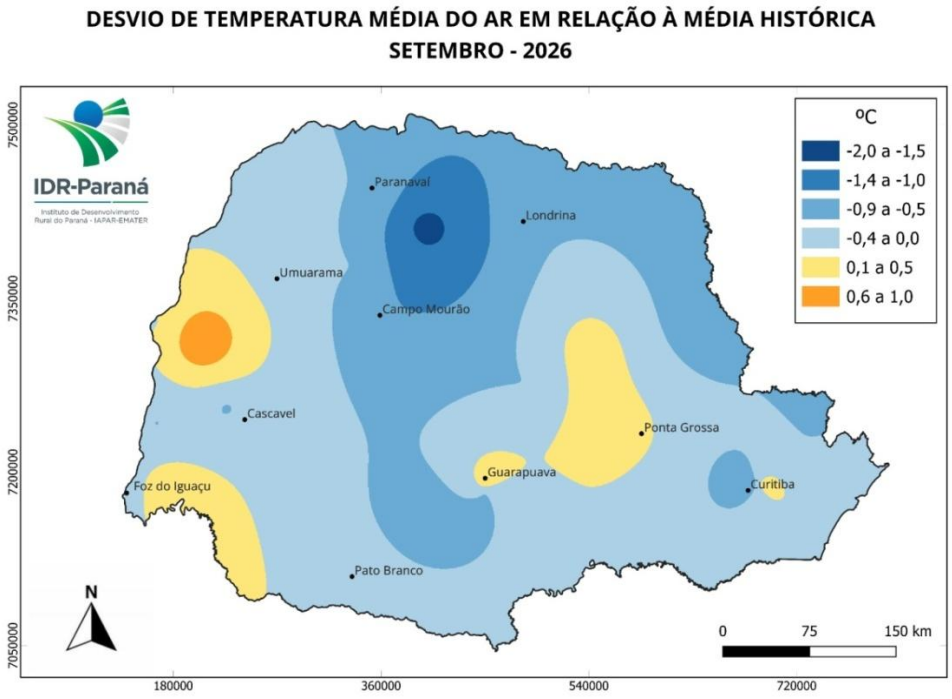


Figura 5. Anomalia da temperatura média do ar de Setembro de 2026 no Paraná. Fonte: IDR-Paraná e Simepar.

AGRICULTURA

O presente texto apresenta uma análise da influência das condições climáticas observadas no mês de setembro sobre as principais culturas agrícolas do estado do Paraná, com base nos boletins semanais e diários elaborados pelos técnicos do Departamento de Economia Rural do Paraná (DERAL).

De modo geral, setembro apresentou condições favoráveis à disponibilidade hídrica e ao estabelecimento das culturas de verão, mas também trouxe desafios aos cereais de inverno**,** associados aos períodos de excesso de umidade e baixa luminosidade, provocando impactos localizados em algumas culturas, com perdas de qualidade, atrasos em operações de campo e aumento do risco fitossanitário. Apesar dessas ocorrências, o cenário agrícola permaneceu predominantemente positivo, com condições satisfatórias para a maior parte das lavouras paranaenses.

Milho – 2ª safra: No final de setembro a colheita encontrava-se praticamente concluída no oeste paranaense, enquanto em outras regiões ainda dependia de condições adequadas de umidade dos grãos. As chuvas limitaram o ritmo das operações e contribuíram para reduzir a produtividade em algumas áreas na etapa final do ciclo. No final do mês a colheita alcançou 99% da área cultivada. A produtividade média foi de 5984 kg/ha, ficando abaixo da safra anterior (2025) que foi de 6317 kg/ha.

Milho – 1ª safra: A implantação do milho atingiu 72% no estado, beneficiado pela umidade do solo, mas com interrupções temporárias devido às chuvas. Das lavouras implantadas, 95% apresentaram boas condições.

Soja: As lavouras implantadas apresentam desenvolvimento inicial variável, com atraso na germinação e redução do ritmo de crescimento em algumas áreas, devido às baixas temperaturas e à predominância de dias nublados. Também foram registrados danos pontuais por granizo e aumento da ocorrência de plantas daninhas, exigindo maior atenção ao manejo. O excesso de chuvas e a umidade do solo em setembro reduziram as janelas de trabalho e provocou lentidão pontual em algumas regiões. No final do mês 28% da soja tinha sido implantada no Paraná.

Feijão – 1ª safra: A semeadura do feijão atingiu 39% da área prevista no Paraná, com avanço favorecido pela manutenção de níveis adequados de umidade do solo. Em algumas regiões, as operações foram temporariamente interrompidas devido às chuvas. A grande maioria das lavouras (93%) estava em boas condições.

Batata – 1ª safra: O plantio da batata foi favorecido pela umidade do solo, sendo que 56% da área prevista haviam sido implantadas. As lavouras apresentaram bom desenvolvimento vegetativo, especialmente em áreas com solos bem drenados e maior teor de matéria orgânica. No final de setembro, 82% das lavouras apresentaram boas condições.

Batata – 2ª safra: A colheita foi praticamente finalizada em setembro, atingindo 98% da área cultivada. A produtividade ocorreu dentro do esperado.

Cevada: A colheita alcançou 13% da área cultivada. O excesso de umidade durante o ciclo favoreceu a ocorrência de doenças. Também foram registrados casos de acamamento decorrentes dos ventos, com possíveis impactos sobre a produtividade. Com isso, 79% da cultura a campo apresentaram boas condições e 21% condição mediana.

Trigo: A colheita do trigo atingiu 62% da área cultivada no final de setembro. Entretanto, o excesso de chuvas durante o ciclo e na fase de colheita prejudicaram a qualidade e o rendimento dos grãos. Houve incidência de brusone, giberela e outras doenças favorecidas pela elevada umidade, além de dificuldades nos tratamentos fitossanitários devido ao encharcamento do solo. O acamamento provocado pelos ventos também contribuiu para elevar o risco de perdas. Das lavouras presentes no campo, 64% apresentavam boas condições, 29% condições medianas e 7% ruins.

Aveia: As lavouras de aveia branca e preta encontravam-se na fase final do ciclo. O excesso de umidade e os ventos favoreceram a incidência de doenças e acamamento, com possíveis reflexos sobre a produtividade.

Cana-de-açúcar: Em setembro, a cana colhida apresentou rendimento superior ao observado no mesmo período do ano anterior.

Mandioca: A umidade do solo favoreceu a implantação de novas áreas de mandioca. A colheita ocorreu de forma lenta devido às chuvas frequentes. A produtividade foi dentro do esperado.

Café: Setembro foi marcado pelo final da colheita do café. A produtividade permaneceu dentro das expectativas, com média de 1780kg/ha, muito próximo da safra anterior (24/25) que foi 1773 kg/ha. Com a conclusão da colheita, os cafeicultores intensificaram os tratos culturais destinados à preparação das lavouras para as próximas safras, incluindo podas e desbastes.

Hortaliças: Eventos climáticos severos provocaram em alguns municípios danos em lavouras e estruturas de produção, especialmente nas estufas. As chuvas também prejudicaram as culturas de inverno em final de ciclo, como alface, camomila e repolho, elevando o risco de perdas, redução da qualidade comercial e descarte da produção.

Morango: Ocorreram perdas significativas em algumas áreas de morango devido à elevada incidência de antracnose. A doença comprometeu a produção ao longo do ano e foi apontada como um dos principais fatores de redução do desempenho da cultura nas regiões afetadas.

Pastagens: As pastagens apresentaram boa disponibilidade de massa verde devido às chuvas, favorecendo o manejo e a alimentação dos rebanhos. A recuperação das áreas contribuiu para ampliar a oferta de forragem para bovinos e pequenos ruminantes.

Publicação técnica elaborada pela Agrometeorologia do IDR-Paraná[1] e técnicos da SEAB/DERAL[2]:
Heverly Morais[1]
Carlos Hugo Winckler Godinho (Organizador)[2]
Clauceneia Ludwig[1]
Andrea Brancalião Malaguido[1]
Angela Beatriz Ferreira da Costa[1]
Pablo Ricardo Nitsche[1]

APOIO: SIMEPAR